



O futuro na nota amassada



As roupas largas, o cabelo coberto por um véu e o olhar esperto como o de um carcará à procura da vítima. A mulher estava no Setor Comercial Sul e se aproximava de tipos específicos, que talvez só ela poderia caracterizar; mas era fácil notar que os apressados ela não abordava, embora procurasse os solitários. E não pedia; ao contrário, oferecia.

Parou diante de uma mocinha, disse algumas palavras rápidas, mas que foram suficientes para despertar algo. Talvez curiosidade, quem sabe algo mais profundo que havia sido tocado. E logo a palma direita da mocinha estava aberta sobre uma das mãos da mulher, que a segurava com firmeza, mas sem brutalidade, enquanto um dedo perscrutava.

Estava lendo o destino da mocinha. Ou melhor: contava como seria o futuro dela, lendo as linhas da mão, de acordo com os mistérios da quiromancia. Essa pseudociência garante que a mão direita das mulheres traz coisas com as quais a pessoa nasceu; a esquerda traria o que foi acumulado durante a vida. Não se sabe por que,

com os homens é o contrário. Nessa confusão de gêneros de hoje, não sei como ficam os outros.

É um tipo de futurologia conservadora, a da mulher do SCS. Há muitas maneiras de previsão do que virá, e o único elemento em comum entre elas é o otário.

Algumas são muito malucas, como a gastro-mancia, que usa os ruídos feitos nos estômagos e entranhas para definir como vão ser os próximos dias — os minutos seguintes a gente já sabe como serão, ainda mais depois de uma feijoadinha bem gorda.

Tem ainda a alectriomancia, que usa um galo entre montinhos de milho. Conforme o galináceo vai escolhendo o grão, vai se delineando o futuro do consulente. Borra de café, fundo de xícara de chá, ossinhos de galinha, nuvens (nefelomancia) e até a observação do queijo são usados para mostrar o que virá. E acredite quem quiser.

A mocinha parada na frente da senhora de roupas largas parecia acreditar. Pegou uma nota na carteira, entregou para a mulher que começou

a dobrá-la, pegou uma garrafa d'água, molhou a nota e amassou, formando uma pasta de celulose. A mocinha olhava aturdida, sem saber que a massa era qualquer coisa menos o dinheiro, que já estava num dos bolsos da mulher.

Exploradores da fé alheia chegaram a ser perseguidos no início do século passado, quando a polícia da então capital brasileira, o Rio, fez um cadastramento desses adivinhos para ficar de olho neles. Não deu muito certo, visto que eles se multiplicaram.

Superstição é um desafio à inteligência. Olavo Bilac narrou o vaticínio da cartomante para ele: "O senhor há de morrer de morte violenta: desastre, assassinato ou suicídio". Errou; morreu em casa, na cama, de gripe. E dizendo "Deem-me café, eu quero escrever!".

Machado de Assis também retratou a adivinhação num conto em que um presságio feliz acaba em tragédia. Vilela mata o melhor amigo, Camilo, e a mulher, Rita. Uma cartomante havia convencido Camilo de que tudo acabaria bem.

Espero que a mocinha do SCS tenha mais sorte.